

SANTIDADE SEM AURÉOLA

Ficha Técnica

Título: Santidade sem auréola
Título original: Holiness without the Halo
Autor: Stuart & Jill Briscoe
Revisão de texto: Judite Henriques
Projeto gráfico, paginação e capa: João Reis Silva
Editor: Carlos Cunha
Coordenação editorial: Carlos Cunha
Categoria: Vida Cristã
ISBN: 978-989-99243-1-4

©2015 - Copyright - Edições CLC

© CLC Ministeries International

Publicado em acordo com CLC Publications, USA.

Todos os direitos reservados

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrónicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Os textos das referências bíblicas foram extraídas de A Bíblia para todos, Sociedade Bíblica, 2009, Lisboa.

As citações assinaladas ACF, são da tradução de João Ferreira de Almeida, Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1995.

As citações assinaladas NVI são da versão New Internacional Version, editora Vida, 2000.



Av. Emídio Navarro, n.º 89 | 3000-151 Coimbra, Portugal

Telf: 239833391

www.clcportugal.com/

encomendas@clcportugal.com

Stuart & Jill Briscoe

SANTIDADE SEM AURÉOLA

Santidade sem auréola

Descobrimo uma alegria e liberdade inesperadas
num viver santo.

O que outros dizem sobre *Santidade sem auréola*

O casal Briscoe, através da sua escrita simples mas profunda, com os pés assentes na terra mas olhando para o alto, apresenta-nos uma visão clara sobre a questão da santidade. Stuart e Jill derrubam os nossos preconceitos e constroem uma visão brilhante e convincente da santidade autêntica, ao mesmo tempo que traçam um percurso para nos orientar em todas as áreas da vida. Ignorar este livro é colocar-nos em perigo — a gravidade da nossa natureza caída necessita do auxílio de um livro como este!

Joseph M. Stowell

Presidente da Conerstone University

Grand Rapids, Michigan

Com uma abordagem bíblica clara e prática, Stuart e Jill Briscoe esclarecem os malentendidos e erros que impedem muitos cristãos de desfrutar a alegria da santidade. Leia e aplique este livro à sua vida e “*a verdade vos libertará*” (João 8:32).

Warren W. Wiersbe

Autor e Professor da Bíblia Internacional

Lincoln, Nebraska

A santidade é um desafio para a compreensão de muitos cristãos e difícil de aplicar na vida diária. O Stuart e a Jill Briscoe traduziram esta doutrina fundamental do domínio etéreo das aulas de teologia, para nos proporcionar um ensino prático e uma aplicação no dia a dia. Por meio de orações, experiências pessoais e perguntas estimulantes, acrescentam uma dimensão interativa a este importante trabalho. Recomendo vivamente este livro a todos aqueles que buscam conhecer e caminhar com Jesus e crescer no Seu caráter.

Gary Benedict

Presidente da The Christian and Missionary Alliance, E.U.A.

Colorado Springs, Colorado

O casal Briscoe, com a sua honestidade e humor característicos, afastam da santidade qualquer noção de arrogância! O Stuart e a Jill mostram-nos como honrar humildemente o Santo e, durante o processo, surpreendem-nos com a compreensão de que a santidade é uma busca feliz e saudável. Leia-o, estude-o e converse sobre ele em grupo — o vosso coração começará a ansiar pelo Santo e pela santidade de vida que convém àqueles que vivem na Sua presença.

John Kitchen

Pastor principal da Stow Alliance Fellowship

Stow, Ohio

Sumário

Prefácio.....	9
Introdução	II
O conhecimento do Santo.....	17
Santo, Santo, Santo.....	39
Chamado para ser Santo.....	61
Sede santos porque Eu Sou Santo	81
O Espírito de Santidade	105
Ofereçam os vossos corpos como Santos.....	129
As Sagradas Escrituras.....	151
Levantem mãos santas em Oração.....	171
Adorai o Senhor na beleza da Sua Santidade.....	191
A Cidade Santa	215

Prefácio

Santidade sem auréola confronta a nossa geração com a realidade de que tudo na vida é incompleto. A humanidade parece ter talento para lidar com telemóveis, ligações globais na Internet, selecionar um sem número de destinos de férias e de acontecimentos desportivos que estimulam todas as nossas fantasias mas, ainda assim, parece não estar satisfeita. O sentimento de insatisfação que sentimos dentro de nós é um desejo de plenitude, perfeição e santidade. É o nosso desejo pelo Deus santo (completo e perfeito) que nos criou para sermos santos como Ele, mas não somos.

O Stuart e a Jill Briscoe centram-se neste, que é o mais profundo de todos os estímulos da alma humana, e exortam-nos a procurar a sua realização no único lugar onde pode ser encontrado — num relacionamento profundo com o Deus santo através do nosso Senhor Jesus Cristo.

Qualquer outra tentativa que façamos para encontrar o ponto de equilíbrio da vida ou experimentar a felicidade de uma vida completa será insuficiente. Porque estaremos a confiar em coisas ou pessoas que são elas próprias incompletas e imperfeitas.

Só a confiança naquele que é Perfeito, Completo e Santo nos pode dar aquilo que a nossa alma anseia. *Santidade sem auréola* é um recurso muito prático para encontrarmos a santidade real.

Marty Berglund

Pastor presidente da Fellowship Alliance Chapel

Medford, New Jersey

Introdução

Cresci numa pequena cidade no norte de Inglaterra. O meu pai era o dono de uma mercearia e era o “ancião” de uma pequeníssima assembleia dos Irmãos. Daquela congregação, os meus ouvidos de jovem guardaram o que parecia ser o tema dominante: “Saíam do meio deles e mantenham-se separados”. Isto significava que não podíamos ir ao cinema (a que chamávamos “as imagens”), durante muitos anos não pudemos ter um rádio (a que chamávamos “ligação sem fio”) e não podíamos assistir a jogos de futebol. Significava também que não tínhamos tempo para a Igreja Anglicana, muito pouco para a Igreja Metodista e uma atitude de “não me toques” em relação à Igreja Batista. Estar separado significava estar isolado.

Congregávamos num prédio um pouco degradado feito de chapa ondulada a que os habitantes locais chamavam “A Capela de Lata”, e éramos vistos como excêntricos pela nossa pequena comunidade. Assim, cresci a sentir-me envergonhado com a minha filiação espiritual e com uma atitude negativa em relação a estar “separado”. Sabia que tinha qualquer coisa a ver com “santidade”, mas não sabia exatamente o quê. Cheguei à conclusão que a “santidade” e a “separação” eram necessárias — mas de preferência quando fosse velho. Se me tivessem pedido para classificar “ser santo”, “ser feliz” e “ser saudável”, provavelmente teria estabelecido a seguinte ordem de preferência: primeiro, ser feliz; segundo, ser saudável; terceiro, ser santo — no pressuposto de que quando já não fosse suficientemente jovem para ser feliz ou saudável, de bom agrado contentar-me-ia em ser santo.

Os meus pais levavam-me todos os anos à Convenção Keswi-

ck¹, na quarta-feira à tarde, correspondente ao “encerramento de meio-dia” da nossa loja. Esta famosa convenção era muito mais emocionante do que a nossa assembleia na Capela de Lata. Havia uma multidão de pessoas, muitas delas com roupas exóticas de terras distantes; havia Anglicanos, Metodistas e Batistas. A faixa que estava por cima da plataforma dizia “Todos num em Cristo Jesus”. Eu gostava disso e perguntava-me porque é que não éramos “todos num” na nossa comunidade.

Mas havia um grande senão, a convenção reuniu-se com o propósito específico de promover a “santidade bíblica prática”. Garantidamente, não era exatamente do mesmo tipo que a minha igreja local promovia. Era evidente que alguns dos oradores não pertenciam à assembleia dos Irmãos; usavam o “colarinho de padre” e eram tratados por “reverendos”. Parecia que não sabiam o que eu tinha aprendido durante anos — que a única pessoa que a Bíblia designava por “reverendo” era Deus! Eles ouviam rádio e, para minha grande alegria, um deles, Alan Redpath, não só não condenava o “mundanismo” dos desportos profissionais, mas até contou uma história (durante um sermão!) em que quase fez parte da equipa de rugby de Inglaterra. Entendi que a santidade vem embalada numa variedade de formas, mas isso só trouxe mais confusão à minha aversão.

Em relação ao tema da santidade, detetei um grau de confusão e de desagrado semelhante nos membros da congregação que uns anos mais tarde fui chamado a pastorear. Assim, decidi preparar

1 - A Convenção de Keswick é uma reunião anual de cristãos evangélicos em Keswick, no condado inglês de Cumbria. Começou em 1875 e foi fundada pelo Anglicano T. D. Harford-Battersby e o Quaker Robert Wilson. A primeira Convenção, em que estiveram reunidas mais de quatrocentas pessoas, teve como tema “Todos num em Cristo Jesus”, que é ainda o lema da Convenção (N.T).

uma série de mensagens sob o título “Vida, liberdade e a busca da santidade”. Este título muito inteligente (pensava eu!) era, devo explicar aos leitores não americanos, uma pequena mas significativa alteração à famosa Declaração da Independência dos Estados Unidos da América. Esta declaração afirma que Deus garantiu aos seres humanos certos “direitos inalienáveis”, nomeadamente, “vida, liberdade e a busca da felicidade”. É claro que a substituição de “felicidade” por “santidade” era intencional.

Também sabia que para muitas pessoas modernas, a “felicidade” está intimamente relacionada com uma visão de “salubridade” (a que chamamos “bem-estar”). Parece significar uma condição de bem-estar holístico que envolve as dimensões emocional, relacional e física. Presumi que se a minha congregação tivesse a oportunidade de ordenar felicidade, saúde e santidade, as suas preferências estariam muito próximas das que eu tinha quando era jovem.

Quando estava a iniciar os meus estudos sobre santidade, assisti a uma entrevista na televisão (sim, já tínhamos aderido à televisão e à rádio) em que o presidente George F. W. Bush e a sua esposa respondiam a perguntas sobre a sua participação na igreja. Ele foi direto e claro em relação ao assunto, mas foi cuidadoso ao insistir que ele e a Bárbara não queriam transmitir a imagem de “santinhos”.

Terá sido uma resposta politicamente correta com receio de ofender alguns eleitores, mas também revelou um desconforto comum a muitas pessoas. Estar de alguma forma envolvido em santidade, parece refletir uma atitude de julgamento numa sociedade orgulhosa em “não julgar”. Trata-se de uma justiça própria numa cultura que está mais comprometida com o “sentir-se bem” e o “parecer bem” do que com o “ser bom” e o “fazer o bem”. De facto, ser chamado de “benfeitor” é quase tão condenável quanto

ser acusado de ser um “santinho”. É estranho como a nossa cultura está invertida!

À luz do desinteresse generalizado com a santidade dentro da igreja e da profunda desconfiança fora dela, não é de surpreender que na igreja o assunto seja frequentemente tratado com negligência benigna. De facto, nas congregações que enfatizam o evangelismo, a ideia de concentrarem-se em ser santos pode parecer um luxo, quando há “tantas pessoas perdidas que têm que ser ganhas para o Senhor”.

Para os que pensam desta forma, gostaria de assinalar que o Dr. Michael Green, o pastor e professor cujo zelo e eficácia evangélicos são conhecidos, afirmou sem rodeios no seu livro *Evangelism Through the Local Church*:

“As pessoas não sentiam que [Cristo] lhes falava de cima para baixo ou que manifestava superioridade. Eram atraídas pela Sua naturalidade, integridade, determinação, afabilidade e santidade. A verdadeira santidade é o maior de todos os ímanes.”²

Em igrejas comprometidas em suprir as necessidades das pessoas, as palavras de Robert Murray McCheyne podem causar surpresa: “A maior necessidade do meu povo é que eu viva uma vida santa.” O apóstolo Pedro coloca-a na perspetiva correta quando encorajou os cristãos primitivos:

“Pelo contrário, sejam santos em tudo o que fazem, assim como Deus, que vos chamou, é santo [...] tenham-lhe respeito enquanto vivem neste mundo. [...] Tenham bom comportamento no meio dos que não conhecem a Deus. Desse modo [...] não de ver o bem que fazem e não de louvar a Deus no dia do juízo.” I Pedro 1:15-17— 2:12

2 - Michael Green, *Evangelism through the Local Church* (London: Hodder and Stoughton, 1990), 214.

Não existe incompatibilidade entre o evangelismo, o discipulado, a adoração, a vida na igreja e a santidade pessoal. Estão todos juntos no pacote que Deus fez. Não há conflito entre ser-se completamente feliz, verdadeiramente saudável e praticamente santo.

A plenitude e a integridade de vida só se podem encontrar num relacionamento com Aquele que é a vida, aquele que afirmou inequivocamente: “*Sejam santos, porque eu sou santo*” (1 Pedro 1:16). É óbvio que com isto Ele não pretendia dizer:

— Vivam maravilhosamente isolados, porque Eu existo num maravilhoso isolamento.”

Nem sequer estava a sugerir:

— Retirem-se e desinteressem-se pela Minha magnífica criação, porque Eu me afastei e desinteressei pela Minha maravilhosa obra-prima criativa.”

O que Ele queria dizer e como aplicá-lo na prática a uma vida comprometida, relevante, positiva e poderosa, tornou-se o assunto da minha pregação e, para minha grande alegria, o foco da atenção, interesse e desejo da congregação.

A Jill e eu acreditamos que este livro irá transmitir ao leitor a mesma mensagem de uma forma encorajadora e útil. E que tal como nós e muitos membros da nossa congregação fizemos, venham a classificar em primeiro lugar “ser santo”, logo seguido de “ser feliz e ser saudável”, empatados logo atrás e na dependência do primeiro.

1

O conhecimento do Santo

“O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo a prudência.”

Provérbios 9:10, ACF

O famoso treinador dos Green Bay Packers³, Vince Lombardi, não andava satisfeito. Na sua opinião, a sua equipa estava a jogar muito abaixo das suas capacidades. Então, mandou reunir a equipa, agarrou numa bola e com ironia e sarcasmo disse àqueles jogadores profissionais:

— Meus senhores, isto é uma bola de futebol!

Um dos seus jogadores mais corajosos levantou a mão e perguntou:

— Treinador, podia explicar de novo?

Lombardi respondeu a esta observação à medida que ia clarificando a sua posição, ou seja, que eles iam começar a aprender a jogar desde o princípio. Ele estava a reintroduzir os fundamentos.

3 - O Green Bay Packers é um clube de futebol americano, fundado em 1919 no Estado do Wisconsin, que joga na Liga Nacional de Futebol Americano (NFL) (N.T).

Num mundo cada vez mais complexo é uma mais-valia rever de vez em quando os nossos fundamentos!

Por falar em fundamentos, o livro de *Provérbios* diz que “O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria”. O “princípio” quer dizer a “base fundamental”. Assim, o temor do Senhor é a sabedoria de que uma bola de futebol é para jogar futebol! A sabedoria, um dos temas principais do Antigo Testamento, significa muito mais do que adquirir informação ou criar uma base de dados. Por exemplo, a sabedoria está claramente relacionada com o “princípio do conhecimento”, “disciplina”, “discernimento”, “prudência”, “a justiça, o juízo e a equidade”, “direção” e “orientação” nos versículos introdutórios do livro de *Provérbios* (*Provérbios* 1:1-7). Quando reunimos estas palavras, elas descrevem aquilo que designamos na linguagem dos nossos dias, um “sistema de valores”. Deste modo, podemos dizer que o temor do Senhor é o fundamento básico de um sistema de valores.

O temor do Senhor

O que significa “o temor do SENHOR”? (Repare que, por vezes, na Bíblia está escrito “SENHOR” e outras “Senhor”. Não se trata de um erro de impressão, mas é uma forma de distinguir duas palavras hebraicas diferentes.) Em *Provérbios* 9:10, a palavra “SENHOR” está em letras maiúsculas para designar o nome *Yahweh* ou *Jeová* — o nome que o Deus de Israel escolheu para revelar-se ou descrever-se a si próprio.

Este nome está envolto em mistério, mas talvez esteja relacionado com o verbo “ser”. Por isso, quando Moisés, assustado pela comissão de Deus para ir confrontar o poderoso Faraó, Lhe perguntou qual era o Seu nome, recebeu a resposta enigmática:

“EU SOU AQUELE QUE É. E dirás também aos israelitas: AQUELE QUE É foi quem me enviou a vós” (Êxodo 3:14). Assim, se “EU SOU AQUELE QUE É” e “Jeová” são nomes relacionados e ambos estão ligados ao verbo “ser”, eles falam do Seu *ser, sou e é* — a singularidade da Sua existência!

Escrevo este capítulo a bordo do navio *Logos Hope* da Operação Mobilização, atracado no porto de Doha, no Qatar. Amanhã deveremos zarpar para o Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, e no dia seguinte, navegaremos para o Sri Lanka. Portanto, quando explico às pessoas o que estou a fazer, digo-lhes:

— Na semana passada estava nos Estados Unidos da América, esta semana estou no Golfo e na próxima semana, querendo Deus, estarei no Sri Lanka.

Ao que me respondem:

— Antes tu do que eu!

Eu sou completamente humano, logo limitado no tempo e no espaço, por isso tenho que falar em tempos e lugares:

— Eu estive nos E.U.A., eu estou no Golfo e eu estarei no Sri Lanka.

Mas o SENHOR, o “EU SOU AQUELE QUE É”, sendo eterno e onnipresente, não tem essas limitações. Ele transcende o tempo e o espaço. Ele não tem princípio nem fim. Ele está nos E.U.A., no Golfo e no Sri Lanka ao mesmo tempo — e Ele está *sempre* lá! Ele não precisa de nada. Ele é autoexistente e autossuficiente e como tal, inspira profundo temor. Entender isto é respeitar, reverenciar e temer o SENHOR.

Para muitas pessoas existe algo de assustador no temor ao Senhor. O que é compreensível, pelo que devemos ter cuidado ao abordar este assunto. No meu ministério pastoral encontro muitas pessoas cujas vidas foram tão condicionadas por “uma religião

de temor” que não têm um conceito da alegria da salvação e das maravilhas da graça admirável. No entanto, também encontro muitas pessoas que foram encorajadas a concentrar-se no amor de Deus e na sua bondade até se ajustarem ao conforto daquilo a que o falecido teólogo e mártir alemão, Dietrich Bonhoeffer, apelidou de “graça barata”. As suas vidas demonstram bem o velho provérbio: “Quem mal se segura, facilmente cai.”

Existe um equilíbrio. O salmista tocou no ponto quando escreveu: “*Sirvam o SENHOR com reverência e regozijem-se com grande tremor*” (*Salmos 2:11*). Frederick W. Faber estava certo quando escreveu:

*“Oh, como eu te temo, Deus vivo!
Adoro-Te com temores profundos
E ternos, com esperança trémula
E lágrimas penitentes.”*⁴

Quando contemplamos o Senhor desta forma e Lhe respondemos com reverência nos nossos corações, encontrámos a base fundamental de um sistema de valores. Os nossos estilos de vida não serão construídos sobre nós próprios, nem os encontraremos nas nossas normas culturais. Eles serão estabelecidos no Deus eterno e imutável, que se revelou à humanidade. Ele é Aquele de quem nós vimos, por meio de quem nós existimos e a quem temos que prestar contas. O verdadeiro sistema de valores assenta com firmeza neste alicerce seguro.

4 - Frederick W. Faber, “My God, How Wonderful Thou Art” (hymn), domínio público.

O conhecimento do Santo

A poesia hebraica é plena de paralelismos. Esta técnica literária repete uma afirmação para lhe dar ênfase, embora de forma ligeiramente diferente da afirmação original, acrescentando-lhe colorido e riqueza. O texto que estamos a comentar é um bom exemplo, porque contrasta medo e conhecimento, Senhor e Santo, sabedoria e compreensão. Quando corretamente focados, estes contrastes acrescentam nitidez de discernimento sobre o assunto, da mesma forma que binóculos bem focados permitem uma compreensão em profundidade e uma visão nítida de uma imagem distante. Por isso, necessitamos de meditar sobre “o conhecimento do Santo” assim como no “temor do Senhor”. O profeta Jeremias relatou:

“Que os sábios não se envaideçam da sua sabedoria; — diz ainda o SENHOR, nem os fortes, da sua força; nem os abastados, da sua riqueza.

Em vez de se envaidecer, deve antes mostrar que me conhece e compreende que eu sou um SENHOR cheio de misericórdia, e o que faço é justo e reto. São essas as coisas que me agradam. Palavra do SENHOR!

Dias vêm, diz o SENHOR, em que castigarei todos aqueles que fizeram a circuncisão, mas não a cumprem” (Jeremias 9:22,23).

É importante notar que a maioria das pessoas que são honradas como “celebridades”, são conhecidas pela sua educação (sabedoria), ou pelos seus atributos físicos (força), ou pelo seu dinheiro (riquezas) e não pelo seu conhecimento de Deus. Já alguém referiu que as celebridades são simplesmente pessoas que são famo-

sas por serem muito conhecidas. Apesar disso, são vistas como objetos de curiosidade e de admiração, com um pouco de inveja e ciúmes à mistura. São perseguidas e imitadas, solicitadas e escutadas. Tornando-se, assim, nas pessoas que marcam o passo e criam tendências, tendo atrás de si um público a esforçar-se por acompanhar o ritmo e o estilo. Os seus “valores” tornam-se os valores da sociedade.

No entanto, aqueles que conhecem o Santo estão plenamente conscientes que o verdadeiro segredo da vida é um relacionamento (conhecimento de) íntimo com o Santo, o Senhor. Não é que eles não se importem de ser um pouco mais inteligentes, mais bonitos e ricos, mas estes fatores não determinam o seu sistema de valores. O que determina é conhecer o Santo e temer o Senhor.

O Santo

Existe algum debate entre os estudiosos no que diz respeito à raiz do significado da palavra hebraica traduzida por “santo”. Alguns dizem que deriva de um verbo que significa “cortar” e nós usaremos este conceito para nos ajudar a definir a palavra.

Imagine que está a preparar um jantar. Está atrasado, enervado e a cortar energicamente os ingredientes para a salada. O telefone toca. Distrai-se e corta um dedo. Corre para atender o telefone e repara que cortou um pedaço do dedo. Olha para a bancada e repara que no meio da alface e do tomate cortados se encontra uma parte do seu dedo. Está desligada do resto de si. Foi separada. Sendo distintamente diferente do resto do seu corpo, agora é outra coisa — é completamente *outra*.

O mais certo era procurar auxílio médico ao invés de ficar a meditar muito tempo sobre estes pensamentos. Mas uma refle-

xão rápida sobre o assunto mostrará que se santo está relacionado com “cortar”, então aquele pedaço de dedo separado estará a gritar em alto e bom som que *santo* significa “separado, posto à parte, distinto, diferente, completamente outro”. Se quiser usar um coloquialismo, justifica dizer-se que santo significa “outra coisa!”.

Nas Escrituras o adjetivo *santo* é empregue em diferentes situações. Ao concluir o trabalho inicial da Criação, Deus descansou e declarou o sétimo dia “*santo*” (*Génesis* 2:3). Isto não significa que este dia era constitucionalmente diferente dos outros dias, mas que Deus o separou para os Seus propósitos específicos e, por isso, era distinto dos outros dias — especial, algo diferente. Também a terra pisada por Moisés no extremo do deserto era composta pelas mesmas rochas e areia da terra ao seu redor, contudo Deus declarou-a “*santa*” (*Êxodo* 3:5). Foi com esta precisão, porque Deus escolheu separá-la com a finalidade expressa de permitir que Moisés se encontrasse ali com Ele. Por isso era *terra santa*.

Quando o Senhor Se revela a nós como o Santo, está a declarar que é Totalmente Outro. O seu nome *Yahweh* significa que Ele está para lá de qualquer comparação. Podemos dizer que joga num campeonato só d’ Ele. Ou, como o próprio *Jeová* perguntou: “*A quem podereis comparar-me? Quem será igual a mim? — pergunta o Deus santo*” (*Isaías* 40:25).

O impuro e o puro

Certa ocasião dois dos filhos de Aarão, Nadabe e Abiu, tomaram a iniciativa e fizeram coisas contrárias ao mandamento de Deus, sofrendo imediatamente as consequências das suas ações. Para explicar isto ao povo, Moisés disse: “*Era a isto que o SENHOR se referia, quando disse: ‘Aos que se aproximam de mim mostrarei que*

sou santo e a todo o povo manifestarei o meu poder!’” (Levítico 10:3).

O Senhor explicou que aqueles que se aproximam da Sua Santidade “*poderão distinguir o que é sagrado do que é profano, o que é puro do que é impuro*” (10:10). A partir do contexto, pode ver-se que o Senhor estava a referir-se aos detalhes do ritual que deveria ser observado se o Seu povo quisesse relacionar-se com Ele, porque o ritual apontava para uma realidade profunda.

Como vimos, um dia podia ser separado como santo. Um conjunto de pedras e areia, constituindo uma parte do património imobiliário do deserto, foi designado como santo. Mesmo os tachos e as painelas poderiam ser identificados como tachos e painelas santas. Não havia nada intrinsecamente diferente na natureza destas entidades mundanas. Mas eram declaradas santas por oposição ao comum ou ao profano, e puras por oposição às impuras, para que as pessoas pudessem reconhecer que existe um aspeto moral — uma “pureza” — naquilo que é santo. Ser santo é ser separado. Portanto, entre outras coisas, a santidade de Deus diz-nos que Ele é separado ou totalmente diferente de tudo o que é impuro e profano.

Neste sentido, para nós é relativamente fácil compreender a santidade de Deus. Ele é diferente, separado de nós na sua pureza moral em oposição à nossa impureza moral. A Sua santidade é um nítido e marcante alívio para a nossa profanação. A Sua pureza para a nossa impureza. A natureza caída da nossa humanidade significa que, mesmo nos nossos melhores e mais nobres momentos, não estamos totalmente livres da mácula e urdida da nossa imperfeição moral. O melhor dos homens é meramente um homem. A nossa bondade pode ser manchada pelo orgulho, o nosso altruísmo pelo egoísmo e a nossa abnegação pelo autoengrandecimento. Mas o Santo não. Ele é algo diferente. Ele é claramente

diferente de nós. Ele não tem qualquer tipo de mancha ou deformação. Compreender isto e “conhecer” o Santo, é ser conduzido (introduzido) à presença da realidade, ao domínio dos valores verdadeiros.

Durante as duas últimas décadas do século XX, os magníficos frescos da Capela Sistina, no Vaticano, foram limpos e restaurados. Quando a sujidade e a poluição foram removidas das obras-primas de Miguel Ângelo que representam o trabalho criativo de Deus, um jornalista exclamou: “Deus foi visto como nunca tinha sido visto por muitas gerações!” Havia uma vivacidade de cores, uma frescura e uma glória que passaram despercebidas até a sujidade ser removida. Da mesma forma, se tivermos uma visão deficiente de Deus e não virmos a sua Santidade, poderemos ter um conhecimento deficiente de Deus e um sistema de valores destorcido.

O Senhor nosso Deus é Santo

Se nos perguntassem quais as características de Deus que achamos mais apelativas e atraentes, julgo que a santidade não estaria no topo da lista. Sem dúvida que os primeiros da lista seriam o amor, a graça e a bondade. Com certeza que a onisciência, a omnipresença e a omnipotência apareciam juntas. Talvez a justiça e a retidão surgissem um pouco mais abaixo na lista e se arranjassem um lugar para a ira. E quanto à santidade?

Num certo sentido, a santidade é a principal característica de Deus; é como um enorme guarda-chuva descritivo. *Define* as Suas outras características — o Seu amor, graça e bondade são amor *santo*, graça *santa* e bondade *santa*. Estes atributos santos estão muito acima da nossa compreensão das coisas que são virtual-

mente diferentes de tudo o que conhecemos.

É óbvio que os atributos “omni” encaixam nesta categoria. Para nós, será mais importante ver que as características menos atraentes, são as mais santas. A Sua justiça é distinta da justiça que conhecemos. A Sua ira, tal como o Seu amor, é absolutamente santa, totalmente pura. Ao contrário do amor humano que pode descambar em sentimentalismo que mimia, ou a ira humana que pode degenerar em recriminações amargas que destroem, o Seu amor e ira são puros e santos. Algo completamente diferente! Isto é descrito nos *Salmos* 99, ACF:

“O SENHOR reina; tremam os povos. Ele está assentado entre os querubins; comova-se a terra.

O SENHOR é grande em Sião, e mais alto do que todos os povos.

Louvem o teu nome, grande e tremendo, pois é santo.

Também o poder do Rei ama o juízo; tu firmas a equidade, fazes juízo e justiça em Jacó.

Exaltai ao SENHOR nosso Deus, e prostrai-vos diante do escabelo de seus pés, pois é santo.

Moisés e Arão, entre os seus sacerdotes, e Samuel entre os que invocam o seu nome, clamavam ao SENHOR, e Ele lhes respondia.

Na coluna de nuvem lhes falava; eles guardaram os seus testemunhos, e os estatutos que lhes dera.

Tu os escutaste, SENHOR nosso Deus: tu foste um Deus que lhes perdoaste, ainda que tomaste vingança dos seus feitos.

Exaltai ao SENHOR nosso Deus e adorai-o no seu monte santo, pois o SENHOR nosso Deus é santo.”

Depois de recitar os detalhes do caráter de Deus revelado nas

suas atividades, o salmista repete o refrão, “*pois é santo*”, e conclui que “*o SENHOR nosso Deus é santo*”. É a sua santidade que brilha através das suas ações e é descritiva do seu caráter. E é a sua santidade que devemos proclamar até o dia em que nos juntarmos na eterna e exultante canção:

*“Grandes e admiráveis são as tuas obras Senhor Deus todo-poderoso!
Os teus caminhos são justos e verdadeiros, ó rei das nações!
Quem não te temerá, Senhor? Quem não glorificará o teu nome? Só
tu és santo! Todas as nações hão de vir prostrar-se diante de ti, pois
as tuas sentenças justas estão à vista de todos.” (Apocalipse 15:3, 4)*

Alguns minutos gastos a considerar os aspetos da santidade de que o salmista fala é um tempo bem gasto.

Majestoso

O salmista diz: “*O SENHOR reina; tremam os povos*” (Salmos 99:1). Muitas pessoas rejeitam esta afirmação por a acharem errada. Sugerir que o Senhor está a operar nos assuntos das nações é, na sua opinião, de uma ingenuidade incrível. Muitas pessoas inteligentes acharão ridículo ficar à espera que as nações estremeçam.

Porém, a visão alternativa do mundo — aquela em que não existe uma autoridade superior a operar no nosso mundo, em que os acontecimentos se sucedem por acaso e sem significado, de forma acidental e sem razão — tende a mergulhar-nos no desespero ou leva-nos a enfiar a cabeça na areia em negação do insuportável e impensável. É uma alternativa pouco atraente. Pelo menos na fé existe a esperança!

Apesar disso, acreditar num Deus ativo que reina sobre os as-

suntos dos homens levanta grandes problemas. Perante a injustiça e a desumanidade, a corrupção e a carnificina desenfreada existente no nosso mundo, podemos ser perdoados por supor que não exista um Senhor reinando — ou caso Ele reine, o Seu governo deixa muito a desejar.

Mas há um fator que não deve ser esquecido — a Sua Santidade. O Seu governo é santo, sem mancha ou distorção, e totalmente “outro” face a tudo o que conhecemos independentemente d`Ele.

Acreditar que Deus estava no comando durante o Êxodo, aceitar que Ele estava no controlo durante o exílio, que Ele usa o cruel Egito e a ainda mais cruel Babilónia para promover os Seus propósitos graciosos, exigia um olhar de fé que visse a santidade de Deus e a integridade do Seu plano eterno para além da confusão do homem. Mas, foi isso mesmo que conseguiram fazer muitos dos antigos que pertenceram ao povo de Deus.

Em tempos mais recentes, compreender que a Sua mão estava a trabalhar na China, em acontecimentos aparentemente desastrosos, exigiu uma grande fé na singularidade do Seu governo. Só que Deus graciosamente permitiu que vissemos a Sua ação genial no maior movimento de pessoas na história da igreja, algo que talvez não tivesse acontecido noutras circunstâncias.

No momento em que escrevo, revoltas populares completamente inauditas, agitam os regimes autoritários do Norte de África e do Médio Oriente. Humanamente, é muito cedo para prever qual será o resultado. Parece muito ingénuo acreditar que, no meio dos traumas e da turbulência das relações internacionais, existe uma mão infalível a guiá-las em direção a um reino eterno caracterizado pela retidão. Contudo, é consistente com o governo e o reinado de Deus, que está separado e é completamente supe-

rior a qualquer coisa que já tenhamos visto — ou iremos ver. Por outras palavras, Ele é santo! O Senhor reina!

Tremendo

O salmista continua: “*Louvem o teu nome, grande e tremendo, pois é santo*” (*Salmos 99:3, ACF*). A palavra *tremendo* costumava significar “o que enche de temor”, mas foi caindo em desuso durante a segunda metade do século XX. Parecia antiquada numa cultura cansada de sucesso e indiferente ao triunfo.

Perdemos a nossa capacidade de ficarmos impressionados. Aterrorizar na Lua tornou-se uma rotina; as imagens de planetas que nos chegam de distâncias inimagináveis deixaram de nos surpreender. Acontecimentos que abalaram a terra, como o colapso do império soviético, foram rapidamente atirados para as lixeiras da nossa consciência coletiva. Há muito anos atrás, G. K. Chesterton assinalou que: “O mundo nunca sofrerá com a falta de maravilhas, mas apenas com a falta da capacidade de se maravilhar.” O que diria ele hoje?

Raramente precisávamos da velha palavra *tremendo*, porque não nos permitíamos a privilégio de ficar maravilhados. De forma surpreendente, a palavra reapareceu na década de 1990. Reencarnou numa forma inferior, à semelhança do lendário príncipe malvado que regressou à terra como uma pulga. Tornou-se uma expressão da gíria para designar qualquer coisa considerada genericamente positiva (tal como a igualmente vaga palavra *fixe*). Agora, a palavra *tremendo* misturada na linguagem popular, refere-se a qualquer coisa desde o espetáculo de *laser*, a um concerto rock, ou a uma grande vitória na lotaria. A palavra é usada por comentadores desportivos para descrever alguém que marca um

golo acrobático.

Mas devemos reservar tremendo para algo que provoque sentimentos de respeito. Algo tão único que em qualquer lugar não há nada com a mais remota semelhança. Algo tão além de qualquer outra coisa, que seria como se estivéssemos a ver um jogador de basquetebol sobrevoar o adversário, afundar a bola no cesto a três metros de altura e, de seguida, voltar-se mesmo a tempo de ver uma Mão pegar no universo e afundá-lo! *Isso* seria tremendo!

Aqueles que “veem” este tipo de coisas respondem à exortação: “*Louvem o teu nome, grande e tremendo, pois é santo*”, porque conhecem o Único que consegue afundar o universo e, um dia, o fará.

Justo e Reto

O salmista afirmou: “*tu [...] fazes juízo e justiça*” (99:4). Temos a tendência para ficar confusos com a justiça. Somos como a senhora que dizia ao jovem fotógrafo para lhe “fazer justiça”, ao que o jovem lhe respondeu que ela precisava era de misericórdia!

Quando olhamos para o nosso sistema judicial perguntamos se a prática da lei não ofuscou a administração da justiça. Há algumas pessoas que se apoiam no tecnicismo legal para proclamarem a sua “confiança no sistema”, mas preferem não discutir assuntos incómodos, tais como se cometeram o crime pelo qual são acusados e o que teria constituído a justiça adequada. A respeitável Senhora Justiça está com os olhos vendados, segurando a espada e a balança a fim de fazer julgamentos imparciais. No entanto, ela pode ter um buraco na venda ou então estar a espreitar pelas bordas da venda. Existe a suspeita generalizada de que há uma justiça para o rico e outra para o pobre. Poderemos dizer que

paira no ar um desconfortável sentimento de injustiça.

Muitos dos que se queixam dos “erros da justiça” desejam uma “justiça” só para eles para não terem que receber o que merecem. R. C. Sproul descobriu isto quando iniciou a sua carreira como professor. Disse aos seus alunos para apresentarem três trabalhos num determinado tempo, ou receberiam um zero. Muitos dos alunos não cumpriram o prazo de entrega do primeiro trabalho, por isso ele fez uma cedência. Um número maior de alunos não entregou o segundo trabalho dentro do prazo e ainda reagiram com indiferença. Leu-lhes o *Riot Act*⁵ mas não deu nenhum zero.

Quando a data de entrega do terceiro trabalho foi ultrapassada por um número ainda maior de estudantes, ele manteve a promessa a deu-lhes um zero. Eles ficaram furiosos por ele ter feito isso! Um aluno exigiu que ele anulasse a sua decisão porque era injusta. O Dr. Sproul perguntou ao jovem se ele queria mesmo ser tratado com justiça, ao que ele respondeu afirmativamente:

— Está certo, como não entregaste nenhum dos trabalhos a tempo vais receber três zeros.

Houve um grande rebuliço, mas também houve justiça — imparcial, consistente e impopular!

As nossas ideias acerca da justiça têm-se tornado cada vez mais confusas. Mas existe um ponto de referência. Podemos ter a certeza de que Deus vai fazer o que é “justo e reto”, porque Ele é santo. Claro que isto significa que não lhe caiu a venda dos olhos, porque Ele não usa nenhuma. Ele não precisa de uma venda. A

5 - O *Riot Act* (lei do motim) foi uma lei do parlamento da Grã-Bretanha, publicada em 1714, que autorizava as autoridades locais a declarar qualquer grupo de doze ou mais pessoas como um ajuntamento ilegal, tendo assim que dispersar e enfrentar uma ação punitiva. Esta lei foi introduzida durante um período de distúrbios da ordem pública, em que se registaram vários motins e tumultos em várias partes da Grã-Bretanha (N.T.).

Sua justiça e retidão são puras e corretas — absoluta e intrinsecamente. Ele é outra coisa!

Eles clamaram e Ele respondeu

Um dos perigos de nos concentrarmos na tremenda e majestosa retidão de Deus é tornar-se tão avassaladora que parece inacessível. Vamos explorar este tema no próximo capítulo, mas gostaria de dizer aqui que Ele escuta e responde às súplicas e orações do Seu povo. A Sua santidade não nega a Sua disponibilidade ou a Sua acessibilidade.

“Moisés e Arão, entre os seus sacerdotes, e Samuel entre os que invocam o seu nome, clamavam ao SENHOR, e Ele lhes respondia.

Na coluna de nuvem lhes falava; eles guardaram os seus testemunhos, e os estatutos que lhes dera.

Tu os escutaste, SENHOR nosso Deus: tu foste um Deus que lhes perdoaste, ainda que tomaste vingança dos seus feitos.

Exaltai ao SENHOR nosso Deus e adorai-o no seu monte santo, pois o SENHOR nosso Deus é santo” (99:6-9).

Em vez de encobrir-se numa santidade distante para ninguém se aproximar, o Senhor fez saber o Seu desejo de ser conhecido e ouvido, honrado e reverenciado. Primeiro, usando líderes como Moisés e Aarão, providenciou cuidadosamente para que o seu antigo povo reconhecesse a Sua presença no seu meio e se aproximasse da Sua santidade. Depois, por intermédio de Cristo, proveu um “*novo e vivo caminho*”(ACF) para chegar à Sua presença e convida-nos a “*entrar com toda a confiança no santuário*” (Hebreus 10:19-20), para conseguirmos “*alcançar misericórdia e graça e en-*

contrar ajuda no momento próprio” (4:16).

A tremenda santidade de Deus não deve aterrorizar os filhos de Deus, deve apenas causar reverência e profunda humildade. Porém, deve fazer com que aqueles que não respeitam, nem a Ele nem à Sua graça, parem para pensar. Para estas pessoas deve ficar claro que “*é terrível cair nas mãos do Deus vivo!*” (10:31).

Todavia, porque a Sua graça e misericórdia são puras, é maravilhoso descansar nos braços de um Deus que perdoa. Ele é santo! Ele é outra coisa!

Mas você poderá perguntar:

— Que relação pode existir entre a santidade de Deus e a minha felicidade? Como é que faço para dar o salto da Sua extraordinária diferença para a minha felicidade normal?

Examine os valores fundamentais nos quais assenta a sua vida e dos quais depende a sua felicidade, e veja se tudo o que é, tem, faz e planeia estão ou não relacionados com quem Ele é e com a Sua vontade. Se sim, terá um sentimento profundo de bem-estar, que é a essência da felicidade. Mas se tiver um sistema de valores baseado num fundamento mais fraco, experimentará algo consideravelmente menor do que a “*alegria tão grande e tão intensa*” ou “*a paz de Deus, que vai mais além do que nós podemos entender*” que são o material da verdadeira felicidade.

Oração

Querido Deus, perdoa-nos porque temos a tendência para ser desesperadamente egoístas. Não é que não devamos preocupar-nos conosco, a nossa tragédia é que, muitas vezes, o nosso egoísmo significa não termos a noção de quem Tu és. Por isso, deixamos totalmente de ver a perspectiva correta de nós mesmos. Com frequência, quando

meditamos sobre Ti, somos muito seletivos com as características que escolhemos.

Pedimos que, pelo Teu Espírito, nos ajudes a compreender com clareza o que a Tua Palavra diz e a responder corretamente, apresentando-nos com humildade perante Ti, sem reivindicar qualquer mérito para nós. À luz do nosso pecado perante a Tua pureza, e do facto de sermos criaturas perante Ti, aquele que é completamente Outro, buscamos somente a Tua graça e que nos perdoes por amor a Cristo. Trabalha nas nossas vidas de tal forma que nos tornemos manifesta, agradável e deliciosamente diferentes — um povo santo. Oramos em nome do nosso Senhor Jesus, o Santo. Amém.

Uma nota pessoal da Jill

Quando era muito nova, acreditava que a minha mãe tinha toda a sabedoria. Ela era a fonte de todo o conhecimento e a forma mais segura de encontrar a verdade no meu pequeno mundo. Quando entrei na minha turbulenta adolescência, ela foi substituída pelos meus amigos. Juntos, alterámos os valores parentais, que concordávamos que nos tinham sido impostos, criando um lugar mais confortável para vivermos.

Quando entrei na faculdade, decidi racionalizar o meu pecado e chamei-lhe crescimento. Isto, depois de um namorado ter sugerido que se alguém nunca se tivesse embriagado, isso era um indício de falta de maturidade e de pouca educação! Ele insistia que esta maturidade e conhecimento andavam de mãos dadas.

Depois adoeci e corri para o hospital. Rapidamente redefini a minha visão do que era realmente importante! A vida e a saúde tornaram-se uma necessidade vital e inesperada. Estes valores bá-

sicos foram modelados por uma equipa médica dedicada. Até este momento não tinha atribuído qualquer valor à morte. Eu pensava: “Porque é que os jovens devem valorizar a velhice?”.

As Escrituras mandam-nos: “*Lembra-te do teu Criador, enquanto fores jovem, enquanto não vierem os tempos difíceis e os anos em que vais dizer: ‘Não sinto gosto em viver’*” (Eclesiastes 12:1). Mas eu nunca tinha lido este versículo — e mesmo que tivesse, tê-lo-ia considerado uma forma muito invertida de fazer as coisas!

Ter enfrentado este problema de saúde focou a minha vida de dezoito anos. Ensinou-me, também, que os meus medos revelaram o meu sistema de valores. As preocupações triviais que o meu ambiente protegido tinham produzido até este ponto da minha vida, tinham a ver com o medo de falhar — perder o lugar na equipa de ténis ou perder o namorado. Eu agora tinha percebido que aquilo que eu temia, era o que eu valorizava.

Ao enfrentar a morte percebi que tinha valorizado muito pouco a vida e a minha existência como pessoa. Só então eu comecei a ter temor a Deus! Afinal de contas, Ele era Aquele que sustentava a minha vida com as suas mãos.

Então, entreguei-me a Cristo e houve uma reviravolta nas minhas prioridades. A minha família e os meus amigos ficaram em estado de choque quando me viram envolver na igreja, nos estudos bíblicos e a dar testemunho. Estava a descobrir que gastamos o nosso tempo a fazer as coisas a que damos mais valor! Por outras palavras, as nossas atividades dão-nos uma pista de qual é o nosso sistema de valores! Foi aqui que me cruzei com a sabedoria. Agora, acreditava que Jesus era o centro de todo o conhecimento, a Sua Palavra era a explicação. Ele é a verdade, não *uma* verdade. Desde então, para mim tem sido assim.

Perguntas do Capítulo

Defina seis abordagens básicas para se estabelecer um sistema de valores pessoal. Discuta com qual das abordagens se tem identificado mais:

- Autoridade
- Lógica
- Experiência sensorial
- Emoção
- Intuição
- Ciência

Se a base do seu sistema de valores tem falhas, faça uma lista dos passos que pode pôr em prática para a corrigir.

1. No início do seu reinado, Salomão teve um sonho incrível. Leia *1 Reis* 3:5-15 e debata:
 - a. Se Deus lhe tivesse dado a oportunidade de realizar um dos seus desejos, o que Lhe pediria? Seja honesto!
 - b. Salomão não pediu saúde, também não pediu riqueza. O que é que ele pediu? Qual foi a resposta de Deus?
2. Faça uma lista de tudo o que Deus deu a Salomão (*1 Reis* 4:29-34; 3:13; 10:1-29). Isto significa que se pedir as coisas certas, Deus também o tornará rico?
3. Salomão tirou as suas próprias conclusões sobre que sistema de valores lhe traria satisfação. Para conhecer melhor, ele fez várias experiências para saber qual a que resultaria melhor. Muitos de nós que temos mais conhecimento,

também procuramos encontrar uma filosofia de vida satisfatória. Leia *Eclesiastes 2:1-11*; faça uma lista e debata as coisas que Salomão experimentou. A que conclusão é que ele chegou?

4. Foi o rei Salomão que escreveu: “*O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria; conhecer o que é santo é ter entendimento*” (*Provérbios 9:10*). Infelizmente, o rei nem sempre seguiu o seu próprio conselho ou praticou aquilo que pregava. Mas as Escrituras dizem-nos que na sua juventude ele foi o homem mais sábio. Apesar de ter começado bem, não é a forma como uma pessoa inicia a sua caminhada com Deus que importa, mas como a termina. O que é que Salomão estava a desfazer? Debata.
5. Trace a ruína de Salomão (*1 Reis 10:24-11:8*):
 - a. Primeiro passo: Prata e ouro (*10:24-27*)
 - b. Porque é que isto estava errado? (veja *Deuterónimo 17:17*)
 - c. Segundo passo: Multiplicou os cavalos (*10:28-29*)
 - d. Porque é que isto estava errado? (veja *Deuterónimo 17:16*)
 - e. Terceiro passo: Mulheres (*11:3*)
 - f. Porque é que isto estava errado? (veja *Deuterónimo 17:19*)
 - g. Quarto passo: Idolatria (*20:1-5*)
 - h. Resultado (*11:9-11*)

O que aprendemos com isto tudo? Debata.

Ore por

Louvor

Pensamentos úteis;

Atributos de Deus;

Heranças cristãs saudáveis;

Igreja;

Grupos de pessoas zelosas, por algo ou alguém que o tenham ajudado a compreender os conceitos deste capítulo.

Pessoal

Resposta silenciosa a esta lição.

Petições

Pelos seus familiares que não estão a basear o seu sistema de valores no fundamento certo.